

STEPHANIE BURGIS

«Uma história
encantadora
do início ao fim.»

KIRKUS REVIEWS

A Rapariga com Coração de Dragão



booksmith

*Para Ollie Samphire.
Gosto mais de ti do que de histórias!*



CAPÍTULO 1

Há muito, muito tempo, numa cidade linda e excitante, cheia de gente, chocolate e oportunidades, vivia uma rapariga tão destemida e corajosa que...

Não, esperem. Sempre fui muito boa a contar histórias. Mas desta vez, quero contar-vos a verdade.

A verdade é que, pela primeira vez, o meu irmão mais velho tinha razão: não foi muito sensato da minha parte aceitar o desafio da princesa herdeira. Uma rapariga de 13 anos que cresceu à beira do rio, sem ter uma casa decente nem andar na escola, a misturar-se com a realeza, a trocar ideias com fadas vingativas e a defender a cidade inteira? Qualquer pessoa em Dragoburgo me teria dito que era um absurdo.

Mas também há outra verdade da qual tenho a certeza absoluta: se tivermos coragem para contar a nossa própria história, podemos mudar o mundo.

— Olhem e admirem! — Abri as portas duplas da cozinha da melhor casa de chocolate de Dragoburgo e entrei com passos grandes, agitando na mão um panfleto promocional acabadinho de imprimir. Era apenas um de muitas centenas que circulariam por toda a cidade quando a noite chegasse. — A minha mais recente obra-prima! Sintam-se à vontade para me fazer uma vénia em profundo deslumbramento e presentear-me com todo o vosso ouro.

De pé junto à bancada mais próxima e a mexer qualquer coisa com um cheiro delicioso, a mestre chocolateira revirou os olhos para mim.

— Oh, que bom — disse a Marina. — Escreveste mais disparates sobre nós. Como se já não tivéssemos clientes de sobra para servir!

As portas atrás de mim abriram-se enquanto ela falava e o Horácio, o mestre de sala, entrou com o seu rosto moreno e magro iluminado pelo interesse.

— Mostra-me, Seda.

Entreguei-lhe o meu trabalho com uma vénia elaborada, depois enfiei as mãos nos bolsos do casaco vermelho brilhante, e já duas vezes remendado, e balancei-me para trás e para a frente sobre os calcanhares enquanto esperava.

Há anos que decidira vestir apenas roupas de rapaz, por motivos perfeitamente sensatos. Usar calças em vez de saias incômodas permitia-me correr depressa como o vento mesmo pelas ruas mais agitadas da cidade. Com um casaco verde simples e calças, um lenço branco ao pescoço e um chapéu verde que me escondia os caracóis pretos curtos, era capaz de desaparecer por entre qualquer multidão. Mas hoje não estava a pensar fugir nem a tentar passar despercebida. Hoje estava pronta para me pavonear como um pavão e aproveitar as minhas tão merecidas recompensas.

A cozinha cheirava realmente bem.

Estendi a mão em direção à taça mais próxima, mas a Marina deu-me uma palmada, os dedos dela de um tom dourado quente contra a minha pele castanho-escura.

— Esse não, que ainda não está pronto! Olha. — Apontou para a bancada do lado, onde estavam oito pudins cremosos de chocolate, os meus favoritos, a arrefecer em copos de pé alto. — Come um daqueles — recomendou-me —, antes que rebentes de tanta satisfação. — A seguir franziu o sobrolho. — E depois podes mostrar-me o que escreveste sobre nós desta vez.

Eu sabia que ela ia querer ler o meu panfleto!

— Aqui está — disse eu. Enquanto cantarolava, tirei um segundo exemplar do bolso do meu colete prateado que quase não tinha manchas; era uma das minhas melhores descobertas na banca que o meu irmão tinha à beira do rio. — Trouxe um exemplar extra para ti e para a Aventurina. — Depois franzi o sobrolho olhando em redor

da cozinha branca e brilhante, enquanto os grãos de cacau faziam os seus estalidos característicos junto à lareira. — Onde está a Aventurina?

A aprendiz de chocolateira da Coração de Chocolate era a rapariga mais feroz que alguma vez conhecera, e a mais fabulosa também... e não apenas porque detinha poderes bastante invulgares. A Aventurina era o motivo pelo qual eu arranjava este emprego na Coração de Chocolate: um trabalho verdadeiramente respeitável, numa loja a sério com paredes e tudo e que servia a maior parte das pessoas mais poderosas da cidade. Era a primeira vez que eu tinha a oportunidade de mostrar as minhas capacidades ao mundo e estava determinada a que fosse apenas o primeiro passo em direção a uma enorme e gloriosa história só minha... uma história que não incluísse dormir para sempre numa tenda à beira do rio.

Mas do que valia mostrar o meu triunfo se a minha melhor amiga não estava aqui para o ver?

— Mandei-a ao mercado — contou-me a Marina, tirando o segundo panfleto da minha mão. — Precisávamos de mais açúcar. O cubo que me venderam hoje de manhã vinha oco e a Aventurina foi dizer-lhes que o açúcar era uma porcaria e pedir-lhes que substituam o cubo de graça.

— Mandaste a Aventurina fazer um recado desses? — Fitei-a incrédula. — Sozinha?

A Marina ergueu os ombros num gesto pronunciado enquanto olhava para o meu panfleto.

— Ela é minha aprendiz, não é? Tem de aprender. Pode não escolher o melhor açúcar logo na primeira tentativa, mas...

— Não estou a falar da qualidade do açúcar — disse com impaciência. — Mas e se forem mal-educados com ela quando tentar devolver a primeira saca e ela perder as estribeiras?

A Marina levantou os olhos do panfleto e ofereceu-me um sorriso satisfeito.

— Então para a próxima já saberão que não nos devem mandar açúcar menos bom, não é?

— Argh! — Fechei os olhos para controlar a angústia.

Mas será que nesta casa de chocolate ninguém entende o conceito de boa publicidade?

Já foi suficientemente difícil promover uma casa de chocolate cuja dona se recusava a sair da cozinha para cumprimentar os clientes — a Marina jamais aprenderia a ser educada para com as pessoas importantes —, mas entre a teimosia da Aventurina e a minha habilidade para contar histórias, tínhamos finalmente conseguido ultrapassar esse obstáculo. A Aventurina tinha ganho a proteção do rei e eu contei ao mundo a história inteira através de uma série de panfletos brilhantes que espalhei pela cidade e que todos os dias atraíam clientes novos. Mas nem eu conseguia pensar numa forma de apresentar a história com um final feliz se a aprendiz da Coração de Chocolate se zangasse a ponto de cuspir acidentalmente chamas em público.

Este era o problema em ter uma melhor amiga que nascera dragão, antes de se cruzar com um mago da comida que a transformou numa humana e a deixou com uma magia muito própria para confeccionar comida.

A transformação da Aventurina acabou por resultar muito bem para todos nós porque a sua enorme e escamosa família tinha negociado uma aliança com a nossa poderosa princesa herdeira, a primeira aliança conhecida da história entre os humanos e os dragões, e a Aventurina encontrou uma nova casa na Coração de Chocolate. Mas, mesmo assim, enquanto escrevia panfleto atrás de panfleto a descrever a vitória, continuava a ter um medo persistente no fundinho do meu pensamento.

Agora que a Aventurina encontrara uma maneira de mudar entre a sua forma humana e de dragão sempre que queria, eu estava só à espera do momento em que ela ia perder o controlo dessa capacidade, porque quem quer que tivesse inventado a expressão «temperamento feroso» estava definitivamente a pensar em dragões.

Se ela perdesse o controlo, eu tinha mesmo de estar com ela, e não apenas para bem da Aventurina.

— Tenho de ir-me embora. — Dei meia-volta nos calcanhares para sair, abandonando o meu pobre e amoroso pudim de chocolate em que nem tinha tocado ainda.

Antes de empurrar as portas para a sala da frente, o Horácio levantou os olhos do seu panfleto e agarrou-me a manga do casaco vermelho.

— Espera, Seda.

Até que enfim! Parei de repente e, apesar da crise iminente, levantei as sobrancelhas com expectativa.

— Sim? — Estive todo o dia à espera da sua reação ao meu panfleto. Mal podia esperar por saber qual era a sua frase favorita!

Mas, em vez de exprimir a sua admiração pelo meu brilhantismo, o Horácio franziu o sobrolho e olhou para o relógio atrás de mim.

— Não te esqueças de voltar às 13 horas — disse ele. — Temos muitas reservas para esta tarde e vamos precisar de mais uma empregada para servir os clientes todos.

— Eu sei. — Tive de abafar um rugido quase de dragão que se formou na minha garganta. Mas será que ninguém me entendia, nem aqui? Eu não era imprudente, nem uma criança, não importava o que o meu aspeto jovem sugeria.

Podia ter apenas 13 anos, mas cresci muito na noite em que perdi os meus pais, há seis anos, durante a terrível viagem que fizeram comigo e com o meu irmão, Daniel, até à nossa casa que parecia uma manta de retalhos, mesmo à beira do rio... e por muito que o Daniel tentasse controlar-me, desde então que cuidava de mim mesma. Sabia perfeitamente como chegar a horas aos sítios!

Revirei os olhos e libertei-me da mão do Horácio; a seguir, esgueirei-me pelas portas duplas da cozinha e caminhei com passadas sonoras, tal era a minha frustração.

— Mas primeiro tenho de salvar aquele comerciante! — exclamei, antes de as portas se fecharem atrás de mim.

Depois sorri ampla e alegremente para os clientes que estavam na luminosa sala dourada e alaranjada e que se viraram nas suas mesas para me observarem.

— Não se esqueçam de contar a todos os vossos amigos que hoje estiveram na melhor chocolataria de Dragoburgo! — lancei enquanto saía rapidamente.

Mantive o meu sorriso de vendedora colado no rosto conforme atravessava a casa de chocolate e até sair pela porta da frente... até ficar fora do alcance da enorme janela da montra da Coração de Chocolate.

A seguir, desatei a correr.



CAPÍTULO 2

A Coração de Chocolate situava-se mesmo no centro do distrito dos comerciantes mais abastados, com edifícios em tons brilhantes de azul e cor-de-rosa e carruagens dispendiosas por todo o lado. Num dia fresco de outono como o de hoje, costumava ser uma bonita visão, mas eu não tinha tempo para apreciar o espetáculo. O mercado dos comerciantes em que a Marina comprava os seus ingredientes ficava quase a três quilómetros dali, no apinhado e sombrio sexto distrito, onde nenhum dos seus elegantes clientes se lembraria de ir. Se seguisse a estrada larga e serpenteante que passava por todos os distritos de Dragoburgo como a casa em espiral de um enorme caracol, nunca mais conseguiria chegar a tempo.

Em vez disso, corri pelas vielas malcheirosas, atravessando a cidade pelos atalhos. Havia pessoas em Dragoburgo que nasciam, viviam e morriam sem nunca saírem do seu distrito e por isso tratavam as outras pessoas como se fossem perigosos estrangeiros vindos de países desconhecidos. Mas, para mim, cada pedaço da cidade era a minha casa, desde o ensolarado primeiro distrito, no coração da cidade, onde o palácio real se ergue com o seu eterno esplendor dourado, até ao sombrio e abafado décimo quinto distrito, onde mesmo os soldados do rei hesitavam em ir. Aprendi há muito tempo que as vielas estreitas e cheias de sombras, escondidas atrás das casas de todos os distritos como se fossem segredos vergonhosos, são, na verdade, as veias secretas da cidade, que ligam todos os distritos tão diferentes num único organismo vivo.

Tinha de me desviar e saltar de um lado para o outro para evitar a sujidade nojenta que escorria pelo centro das vielas. Infelizmente para a minha roupa fabulosa, não havia como escapar àquele cheiro terrível. Há uma semana que estava a chover e as caleiras borbulhavam cheias de um líquido venenoso, espesso e escuro, composto por água e os restos dos dejetos dos penicos, dos cavalos e do lixo normal da rua. Mesmo quando sustinha a respiração, conseguia sentir o cheiro horrível a colar-se à minha pele e às roupas.

Mas valia a pena. De cada vez que saltava de um lado para o outro numa passagem serpenteante, emergia num novo mundo colorido, cheio de pessoas, cheiros e paisagens variados. Do terceiro distrito para o quarto, depois para o quinto...

Ali estava.

A velha casa de tijolos mesmo à minha frente, com as portas da frontaria todas abertas. Não se via fumo a sair de nenhuma delas, o que era um alívio para mim. E também não ouvi gritos.

Ótimo. Ainda tinha tempo.

Dirigi-me para a porta mais próxima e ouvi um rugido de raiva extremamente familiar.

Demasiado tarde! Comecei a correr, já em pânico.

Assim que entrei pela porta, percebi com exatidão onde estava a minha melhor amiga, porque toda a gente estava a afastar-se dela num semicírculo bem amplo. Todos os comerciantes eram corpulentos, homens e mulheres duros e resistentes, habituados a carregar grades enormes e a competir pela venda das especiarias e ingredientes que chegavam de todo o mundo, mas, naquele momento, todos se afastavam cuidadosamente em simultâneo, com os rostos virados para mim.

— O que disseste sobre a Marina? — rugiu uma voz familiar atrás deles.

Ups.

Todos os dragões eram criaturas territoriais. Ninguém podia atacar o território da Aventurina, que incluía não apenas a casa de chocolate, mas também a Marina, o Horácio e a mim.

Havia alturas em que adorava verdadeiramente este facto. Quando estava deitada na minha tenda aos remendos, acordada, já a noite ia longa, no chão frio e irregular junto à margem do rio, com o vento a soprar sobre as paredes

de lona fina e uma centena de pessoas se mexia ali por perto, saber que, não obstante o que pudesse acontecer, eu agora fazia parte do território da Aventurina e que ela faria o que fosse preciso para me proteger — com dentes, garras e fogo, se fosse necessário — deixava-me inundada de felicidade e de uma gratidão feroz.

Mas este não era um desses momentos.

Este era um daqueles momentos em que só me apetecia gritar com todas as minhas forças enquanto tentava meter algum juízo na cabeça selvagem da minha amiga. Porque às vezes os dragões são mesmo impossíveis!

Inspirei profundamente, baixei a cabeça e abri caminho por entre o grupo cerrado de homens e mulheres adultos, até que saí do outro lado com um sorriso nos lábios.

— Aqui estás tu! — exclamei para a Aventurina.

Inicialmente nem consegui perceber o que fez com que os homens e mulheres se afastassem dela com tanto medo. Bem, é claro que ela estava com uma expressão absolutamente furiosa e assustadora. Os punhos cerrados à frente do corpo enquanto fitava de maneira ardente com os seus olhos invulgarmente dourados o homem no centro do semicírculo. E o vestido novo em tons de cor de laranja e turquesa era suficientemente garrido para fazer doer os olhos e obrigar qualquer pessoa a recuar em profundo horror... isto já para não falar do cabelo preto que se espetava em todas as direções, porque a Aventurina se recusava a estar longe da casa de chocolate o tempo necessário para ir cortar o cabelo como devia ser...

Mas, na verdade, ela tinha pouco mais de um metro e meio. Qual era o problema desta gente?

Um breve movimento na parede atrás dela captou a minha atenção e engoli em seco.

Ohhh.

O problema era a sombra que se estendia atrás do pequeno e feroz corpo humano da minha amiga... a sombra que foi aumentando cada vez mais de tamanho enquanto a observava, espalhando-se pelas bancas e pela parede de tijolo atrás dela, até que pairava por toda a parede da loja, com a enorme cauda a agitar-se de um lado para o outro e os maxilares gigantes a abrirem-se.

Até mesmo em forma de sombra, os dentes de dragão da Aventurina eram impressionantes.

Quando um arquejo de medo bastante sonoro varreu a multidão, dei um passo em frente, cruzei os braços e olhei para ela com a minha expressão mais austera, porque sabia que para a Aventurina havia uma coisa ainda mais importante do que o território.

— Espero que já tenhas o açúcar para a Marina — disse-lhe. — Ela precisa dele agora, ou a próxima fornada de bolos de chocolate vai ficar completamente arruinada.

— A próxima... quê? — A Aventurina pestanejou, como se estivesse a sair do meio da neblina. Virou-se para olhar para mim, com a sombra, enorme e réptil, a estender-se na parede atrás de si. — De que estás a falar? Nós já fizemos os bolos todos de chocolate para hoje. E de qualquer maneira, não pomos açúcar nesses bolos.

— Então seria para os pudins de chocolate? Ou para o chocolate quente? — Encolhi os ombros, mantendo uma expressão neutra no rosto. — A perita em chocolate não sou eu, pois não? Não sei do que ela estava a falar. Mas sei que a Marina estava cheia de pressa e que qualquer coisa achocolatada ia ficar arruinada caso não regressasses depressa.

A Aventurina franziu o sobrolho, mas percebi que a vitória era minha. Para ela, o chocolate sobrepunha-se a tudo. A sua sombra já estava a diminuir outra vez quando se virou para o homem corpulento no centro do semi-círculo.

— Eu já teria o açúcar comigo, se ele não tivesse dito que...

— E de certeza que o senhor está muito arrependido. — Olhei para o homem com uma expressão austera. — Gostava de entregar à minha amiga um cubo de açúcar decente desta vez? E talvez uma devolução de parte do dinheiro, como pedido de desculpas pelo tempo que perdeu na substituição do cubo sem qualidade que vendeu à Marina?

Por um instante, pensei que ele tinha realmente ganho juízo. Observei o seu enorme peito a subir e a descer com a respiração trémula. Mas depois olhou para lá da Aventurina. A sombra em forma de dragão já tinha desaparecido. Ela era novamente apenas uma aprendiz de 12 anos, com o cabelo curto e um vestido feio. E vi efetivamente a mudança na perceção dele quando se virou para olhar para os outros comerciantes que observavam

a cena... O homem percebeu então que afinal só tinha duas raparigas jovens para enfrentar.

Os braços musculados cruzaram-se em frente do corpo. Os olhos azul-pálidos semicerraram-se e fixaram-se em mim.

— Eu acho que a tua amiga é uma ameaça pública que perturbou a paz — disse ele. — Talvez seja melhor mandar chamar um dos guardas do presidente da câmara para tratar deste assunto.

Não, não, não! O pânico começou a rufar na minha cabeça à medida que os comerciantes à volta dele se agitavam e murmuravam em concordância. Entretanto, a Aventurina soltou um rugido perigoso.

O presidente da câmara odiava a nossa casa de chocolate e sempre odiara. Envolvê-lo agora neste assunto seria desastroso para toda a gente.

Por isso, inclinei a cabeça para o lado, ergui as sobrancelhas e perguntei suavemente ao comerciante:

— Tem a certeza de que isso é uma boa ideia? Sabe quem a protege, não sabe?

O som que saiu então da boca dele foi quase como um dos rugidos da Aventurina.

— Se estás a falar daqueles dragões...

Ups.

A agitação e discussões em redor do comerciante desapareceram tão abruptamente como se tivesse acabado de soar um alarme. Subitamente, todo o átrio do mercado estava em silêncio e a tensão no ar era indisfarçável.

Fiquei com os braços todos arrepiados. *Isto não é bom.*

Conhecia o sentimento que atravessava a multidão. Conhecia-o demasiado bem. Depois de tantos anos a viver à beira do rio, aprendi a pressentir o ambiente no ar, porque a minha comunidade, «a ralé que vive na margem, que nem nos seus próprios países é bem-vinda», era geralmente sempre a primeira a ser culpada por tudo o que acontecia de errado na cidade.

E quando as pessoas assustadas e zangadas encontravam um alvo para onde dirigir a sua raiva...

De repente começaram todos a falar ao mesmo tempo.

— A voar sobre a nossa cidade como se fossem os donos disto tudo!

— A aterrorizar as nossas crianças!

— Quem sabe quanto tempo se aguentam até começarem a devorar-nos?

— Ouvi dizer que o rei está a pensar em oferecer-lhes sacrifícios humanos, que os vai colocar nos degraus do palácio.

— E sabe de onde virão os sacrificados? Não é do elegante primeiro distrito, ah pois não. Eles...

— Mas de que estão a falar? — gritou a Aventurina, enquanto olhava em redor do semicírculo de comerciantes, com o rosto contorcido numa expressão de incredulidade. — São todos idiotas? Eles não vão fazer mal a ninguém! Estão a defender a cidade. Agora já nem sequer comem humanos!

Ai, ai, ai. Arrepiei-me, mas já era tarde de mais. Estavam todos a gritar e desta vez gritavam a mesma coisa:

— Agora?

Nunca, nunca deixem um dragão tratar de questões diplomáticas.

Pigarreei e coloquei um sorriso desesperado no rosto.

— Se os senhores...

Mas o comerciante de açúcar já estava a avançar, com o rosto muito corado de raiva enquanto apontava um dedo gordo à Aventurina.

— Chamaste-me idiota, foi? Bem, toda a gente sabe que tu e aqueles monstros são farinha do mesmo saco. Se achas que podes...

— Espere! — gritei e dei um salto para a frente da minha amiga. Ela rosnou e tentou passar por mim, mas dei um pontapé para trás e apanhei-lhe a canela para a deter. — Ouçam-me, todos! Eu não estava a falar dos dragões!

Eu era alta para rapariga e também para a minha idade, mas mesmo assim tinha de inclinar a cabeça para trás para olhar para o rosto do comerciante de açúcar. O meu peito comprimiu-se cada vez mais à medida que os comerciantes furiosos se aproximavam à nossa volta, deixando-nos sem escapatória.

Outra vez não!

Recusava-me a sentir-me novamente impotente. Há muito tempo que fizera esta jura a mim própria.

Tinha 7 anos da primeira vez que senti aquele tipo de perigo doentio no ar: a sensação de uma multidão zangada a transformar-se numa revolta. Naquela altura, já tinha perdido os meus pais e quaisquer ilusões de segurança. Passei aquela noite de inverno a tremer ao lado do meu irmão e dos nossos vizinhos, todos apinhados por detrás

de uma parede protetora de guardas, enquanto os cidadãos furiosos queimavam as nossas tendas e destruíam as nossas bancas do mercado, mesmo à nossa frente. Queixavam-se de que a nossa chegada à cidade originara a escassez de comida que se verificava naquele inverno.

Mas eu já não era uma menina impotente. Não era. Eu era a heroína da minha própria história e ia fazer com que ela resultasse.

Se a minha primeira ameaça não foi suficientemente intimidante, só me restava uma opção. Só existia uma pessoa em toda a cidade de Dragoburgo que era mais perigosa do que qualquer dragão.

— Estava a falar da princesa herdeira!

Os comerciantes à minha volta pararam de se mexer. Vi pela primeira vez a hesitação nos olhos do homem que os liderava.

Pronto.

Inspirei profundamente e rezei para que a minha melhor amiga ficasse calada. Estava na altura de inventar uma história realmente boa, e depressa.



CAPÍTULO 3

O comerciante de açúcar franziu o sobrolho.
— O que é que tem a princesa herdeira? — perguntou ele.

Se havia uma coisa que entendia na perfeição, uma coisa que aprendera durante os últimos seis anos, era como a minha cidade funcionava.

As pessoas de todos os distritos reviravam os olhos perante o vaidoso e ganancioso presidente da câmara, cuja mansão no terceiro distrito se tornava cada vez mais arrogada, com mobílias forradas a ouro a chegar todas as semanas. Quanto ao rei, as pessoas gostavam suficientemente dele, exceto em tempos mais difíceis, e faziam-se brindes educados à sua pessoa nos dias de festa... Mas desde os

nobres mais importantes ao pobre mais pobre de todos os pobres, ninguém confiava no rei para defender os seus melhores interesses.

No entanto, toda a gente adorava a princesa herdeira. Ela certificava-se disso.

Nem era apenas o facto de ser famosa por falar sete línguas diferentes, ou por ser a diplomata mais inteligente que já nascera na família real, conquistando aliados e parceiros de negócios por entre os nossos inimigos mais antigos. Isso enchia os nobres e os comerciantes de júbilo, porque os cofres do reino estavam cada vez mais cheios e as pessoas mais ricas ficavam cada vez mais ricas. Mas a princesa herdeira não se preocupava apenas com eles.

Enviava os seus guardas pessoais à beira do rio quando os primeiros nevões caíam e fornecia lenha, comida e cobertores para nos protegermos do frio.

E quando há dois anos os camponeses das propriedades dos nobres do Norte pararam de trabalhar em protesto, os seus patrões exigiram que o rei enviasse as tropas, mas a princesa herdeira visitou os camponeses para ouvir as suas histórias primeiro. Depois convocou os nobres mais influentes e orgulhosos para uma audiência privada no palácio real. Ninguém soube ao certo o que foi dito na audiência, mas quando os grandiosos aristocratas de lá saíram com um ar atordoado, foi anunciada uma nova decisão: pela primeira vez em muitas décadas, todos os seus trabalhadores receberiam um aumento, assim como direitos sobre as terras em que trabalhavam

nas propriedades dos nobres. Os jornais mostraram-se todos muito espantados, mas eu não fiquei minimamente surpreendida.

Ela era a pessoa mais poderosa de todo o reino e sabia sempre a coisa mais acertada para dizer. Era o meu ídolo desde que me lembrava de ser gente, até que a conheci há poucos meses e percebi como era implacável.

Ninguém se tornava assim tão poderoso sem estar disposto a sacrificar as outras pessoas durante o processo. Esteve muito perto de sacrificar a minha melhor amiga, mesmo à minha frente, quando achou que isso era necessário para salvar a cidade. E depois de eu descobrir esses planos e salvar a Aventurina, senti toda a força gélida e calculista da Princesa Catarina a concentrar-se em mim. Tinha sido um dos momentos mais assustadores da minha vida.

Quem me dera que ela nunca mais reparasse em mim, nunca, nunca mais.

Mas continuava a estar ciente de quão poderoso era o nome dela na cidade e, portanto, aproveitei-me disso à medida que uma nova história se formava na minha cabeça.

— Não acha que ela tem um plano? — perguntei ao comerciante. — Acredita mesmo que ela teria negociado com os dragões sem saber exatamente como lidar com eles?

— Bem... — As sobrancelhas dele juntaram-se. — Mas o rei...

— Eu estava presente — disse-lhe, e era verdade. — Vi como ela fez as verdadeiras negociações.

— Tu? — Uma mulher à minha esquerda soltou um resfôlego desdenhoso. — O que é que uma rapariga como tu estaria a fazer perto da realeza?

Endireitei-me orgulhosamente.

— Eu trabalho na Coração de Chocolate — afirmei —, cujo chocolate único e fabuloso salvou a nossa cidade da fúria dos dragões! — Ouvi a Aventurina a resfolegar atrás de mim, mas ignorei-a enquanto sorria luminosamente. — É capaz de ter lido a nossa história nos panfletos? Assim que os dragões provaram o nosso chocolate, desistiram da sua sede de sangue e juraram fidelidade ao trono. O próprio rei é nosso protetor desde que salvámos a cidade da ruína e conseguimos fazer os aliados mais poderosos que Dragoburgo alguma vez conheceu.

— Dragões... — A palavra ouviu-se num sibilo algures ali perto e podia ter vindo de qualquer um dos comerciantes à minha volta.

Não deixei que me abrandasse.

— Exatamente! — exclamei. — Temos os dragões do nosso lado, o que é coisa de que nenhum outro reino se pode gabar. E a princesa herdeira encarregou-me de os ter debaixo de olho! Por que outro motivo pensam que eu ia andar vestida assim? Já viram alguma rapariga parecida comigo? — Empertiguei os ombros para mostrar o meu casaco masculino. — Eu sou os olhos e os ouvidos da princesa na cidade. Consigo esgueirar-me para todos os cantos e recantos para depois lhe levar as notícias fresquinhas. Posso avisá-la de qualquer perigo que se aproxime, por muito baixinho que os inimigos conspirem. Agora até os

dragões gostam de mim, por causa do chocolate que lhes levo. E ouço tudo o que eles dizem. Honestamente... — Abanei a cabeça e fiz um estalido com a língua, mostrando a minha desilusão com os comerciantes. — Acreditam mesmo que a princesa herdeira não ia enviar um espião para as suas fileiras, alguém que depois lhe pudesse contar tudo o que ela precisa de saber?

Os comerciantes estavam agora a murmurar entre si, formando buracos estreitos no grupo, buracos que eram quase do tamanho suficiente para uma rapariga magrinha fugir, se conseguisse apanhá-los de surpresa.

Mas não cedi. Nem sequer pestanejei.

A confiança era tudo.

— Tu és apenas uma rapariga — disse finalmente o comerciante de açúcar.

Só que agora já ouvia um tom de incerteza na sua voz e deixei que o meu sorriso se aprofundasse.

— A sério? — Ergui as sobrancelhas e assenti com a cabeça em direção à parede de trás, onde a sombra da Aventurina se erguera para nos rosnar. — E a minha amiga também é só uma rapariga? A sério?

À minha volta, ouvi o ar a ser inspirado por entre dentes cerrados. Os meus músculos retesaram-se. Se isto corresse mal...

Alguns comerciantes afastaram-se primeiro.

— Eu sempre disse que a princesa herdeira sabia o que estava a fazer — anunciou a mulher que me desafiara antes.

— É que não lhe escapa nada — concordou a vizinha do lado. — Lembras-te como enganou aquele embaixador

de Villenne no ano passado? Mandou-o para casa a praguejar e a chorar para as barricadas de vinho? No que diz respeito às negociações, ninguém consegue ser mais esperto do que a princesa herdeira.

— E o mais provável é os magos de batalha estarem também metidos nisto. Todos sabemos que devem estar a congeminar a melhor maneira de usar os dragões.

— E como os atacar se eles se virarem contra nós!

Ao ouvir isto, a Aventurina soltou um rugido baixo, mas felizmente já ninguém lhe estava a prestar atenção.

O círculo apertado que antes nos rodeara estava agora partido em pequenos grupos de dois ou três comerciantes, que se mexiam e recuavam para discutir e coscuvilhar uns com os outros enquanto se encaminhavam para as respectivas bancas.

Quando ali cheguei, o mercado estava praticamente vazio, à exceção dos comerciantes, porque era aquela hora lenta em que todos os restaurantes estavam a servir os almoços. Agora começava a aparecer pelas portas uma segunda ronda de aprendizes, com os cestos vazios, prontos para levar os produtos necessários para confeccionar os bolos para o lanche, para os cafés e para o jantar. Alguns dos aprendizes ainda eram mais novos do que eu e a Aventurina, mas todos se moviam com rapidez, os rostos cheios de determinação e os cestos vazios a bater contra as pernas, porque quando temos a sorte de ter um emprego de verdade nesta cidade, conhecemos bem a importância dos prazos e de cumprir horas.

Se não nos apressássemos também, íamos chegar atrasadas ao nosso turno de início de tarde na Coração de

Chocolate e o Horácio ia ficar mais preocupado que as coisas preocupadas. Mas não permiti que a minha impaciência se notasse, mesmo que sentisse o tempo a passar. Em vez disso, inclinei a cabeça para trás para oferecer ao comerciante de açúcar que começara com aquela confusão toda o meu sorriso mais doce e perigoso.

— Então — disse, erguendo as sobrancelhas. — Tenho de relatar este pequeno incidente à princesa herdeira ou não?

Os dragões não eram os únicos que gostavam de ganhar batalhas.

Cinco minutos depois, a Aventurina e eu já estávamos a descer a rua com um cubo de açúcar novo e meio quilo de vagens de baunilha. Soltei uma gargalhada deliciada quando tirei uma vagem do cesto e a lancei ao ar.

— Cuidado! — A Aventurina apanhou a vagem comprida e estreita e voltou a colocá-la no sítio. — Isso é muito valioso!

— Foi grátis — recordei-lhe — devido à minha astúcia. Não estás impressionada?

— Foi grátis porque tu és uma ameaça — disse a Aventurina. — Que história tão ridícula que foste inventar! — O rosto dela enrugou-se como se estivesse com dores. — Não sei o que é pior, que os tenhas feito pensar que a minha família é idiota ou que eles tenham realmente acreditado em ti! Como se algum dragão fosse jurar fidelidade a uma monarquia!

— A minha história brilhante salvou-nos às duas. — Rodopiei numa espiral de alegria, afastando as mãos do

corpo enquanto girava sobre a ponta dos pés, nas minhas botas pretas e reluzentes. Aquela rua era maravilhosa-mente larga, nada parecida com as vielas estreitas e malcheirosas que atravessara para ali chegar. Fiz uma vénia elegante no fim, como se a Aventurina fosse uma rainha. — A ameaça pública és tu, lembraste?

— Pfft! — resfolegou ela como se fosse um cavalo, passando pela porta aberta de um armazém e atravessando-se à frente de um grupo de pessoas que estava prestes a sair, como se elas nem sequer existissem no seu campo de visão. — Eu não fiz nada para os assustar. Os humanos são...

— Não precisaste de fazer nada — disse-lhe enquanto acenava e pedia desculpa às pessoas que impedimos de sair. — Não quando tens uma sombra de quase dez metros para os assustar por ti.

— Sombra? — A Aventurina virou-se para mim. — Estás a falar de quê?

— Tu estavas a mudar de corpo — disse-lhe. — Toda a gente conseguiu ver.

— Não sejas parva. — Franziu o sobrolho, apressando o passo. — Estava tudo perfeitamente controlado.

— Oh, não me digas! — Saltei-lhe para a frente e fitei os seus olhos dourados. — Então por que motivo a tua sombra estava a agitar a cauda?

A Aventurina não disse uma palavra, mas a sua expressão carregada aprofundou-se.

— Tens de ser mais cuidadosa — aconselhei-a, quando voltei a caminhar ao seu lado. — Ouviste o que estavam a dizer sobre os dragões?

— Ouvi — resmungou a Aventurina. — Mas não quero falar disso agora.

Bem, pois claro que não queria. Se não podia ser resolvido com chocolate ou com violência, por que motivo lhe interessaria?

Infelizmente, eu não era capaz de colocar o problema de lado com a mesma facilidade. Continuei a matutar nele, manchando a minha vitória com um manto de aborrecimento, enquanto nos afastávamos do sexto distrito e dos seus armazéns cinzentos e nos aproximávamos do animado quinto distrito, onde as cores das casas mudavam para madeiras brancas e pretas, com flores vermelhas e amarelas a adornar todas as janelas. Ao longe, ouvia-se o bater de um relógio e percebi que, quando chegássemos finalmente à Coração de Chocolate, ia ter de trabalhar muito para acalmar o Horácio. Íamos chegar pelo menos um quarto de hora atrasadas.

Quando entendesse as circunstâncias, o Horácio ia acabar por ultrapassar o desagrado. Mas era evidente que eu não andava a prestar a devida atenção. Como é que não tinha reparado que as pessoas estavam tão preocupadas com os dragões? E por que motivo não previ logo que ia ser assim?

Se havia uma coisa em que devia ser muito boa era a perceber o ambiente geral da minha própria cidade. Era o que me mantinha em segurança. O que me mantinha forte.

Desde o instante em que me esgueirei da tenda da nossa família enquanto o Daniel estava a dormir, na primeira

manhã que passámos em Dragoburgo, há tantos anos, que senti a cidade inteira a chamar por mim. Era exatamente o que precisava para conseguir juntar todos os pedaços de mim que estavam estilhaçados. Talvez os nossos pais já não estivessem cá para nos protegerem e talvez nunca mais voltasse a ver a casa onde nasci...

Mas todas as praças de seixos e cada recanto fedorento de Dragoburgo estavam à espera que chegasse e fizesse daquela cidade a minha cidade, desde os muros antigos e estragados que ainda contornavam o décimo quarto distrito até ao enorme palácio dourado que se estendia pelo centro da cidade, tão inquebrável como uma promessa esculpida na pedra. Havia um mundo inteiro para lá da margem do rio, um mundo de cor e excitação, onde nunca ninguém parecia ter medo.

Eu queria esse mundo todo. Não, era mais do que isso: eu precisava desse mundo.

O Daniel podia pensar que o nosso mundo girava apenas à volta da nossa minúscula banca do mercado, mas eu tinha sonhos maiores. Estava a preparar-me para me encarregar da minha própria história, mesmo que o meu irmão mais velho nunca me pudesse entender...

E a Coração de Chocolate não podia ser o fim da minha história.

Passei os últimos seis anos da minha vida a viver em tendas de remendos à beira do rio, substituindo uma por outra de cada vez que uma tempestade ou uma revolta dos humanos nos roubava a casa. Estava pronta para ter um lar de verdade, com paredes que nunca mais pudessem

ser rasgadas ou queimadas. Foi por isso que recusei a oferta que o Horácio me fez há dois meses para trabalhar a tempo inteiro, apesar de o salário proposto ser perigosamente tentador.

A Coração de Chocolate quase fechara antes de ter começado a colaborar com eles. Da próxima vez que a Marina ofendesse a pessoa errada, toda a loja podia desaparecer, como grãos de areia levados por um rio acastanhado e lamacento. Não ia voltar a prender-me a outra casa que podia ser arrancada de mim de um momento para o outro.

Os meus planos eram maiores do que isso... ou, pelo menos, deviam ser.

Quantas horas passei a trabalhar naqueles panfletos quando devia andar pela cidade, à procura de novas e melhores oportunidades?

Quantas vezes me deixei ficar na Coração de Chocolate depois de o meu turno acabar, a cirandar pela cozinha, a lavar pratos de graça e a provar todas as espécies de chocolate que eles faziam?

Eu não era um dragão, mas ainda tinha asas para estender. Não podia deixar-me distrair tanto novamente... nem mesmo pelo maravilhoso aroma do chocolate ou por um lugar que sentia perigosamente como meu. Essa era uma história em que estava proibidíssima.

Quando chegámos ao terceiro distrito, a Aventurina assustou-me ao virar-se para mim com uma expressão conhecida nos olhos dourados e brilhantes.

— Consigo sentir-te a matutar e a morder as bochechas — disse ela. — Estás preocupada com o quê agora?

— Eu? Preocupada? — resfoleguei, avançando com um pouco mais de bazófia para as abas do meu casaco vermelho se agitarem magnificamente atrás de mim. — Porque havia de estar preocupada? Tenho tudo sob controlo.

E quase acreditei nas minhas próprias palavras...

Até os soldados da princesa herdeira terem vindo buscar-me no dia seguinte.

UMA HISTÓRIA-FURACÃO, CARREGADA DE MAGIA, AVENTURA E MUITO CHOCOLATE!

Na bela cidade de Dragoburgo, onde é feito o melhor chocolate do mundo, vive uma rapariga destemida: a Seda. Ela sempre foi exímia em moldar factos e inventar narrativas, talento esse que lhe permitiu chegar onde chegou. Outrora pobre e só, agora trabalha na Coração de Chocolate, e é a melhor amiga da menina-dragão, a Aventurina.

Um dia, a astúcia e o dom da palavra desta rapariga chamam a atenção da família real. A Princesa Catarina contrata a Seda para ser sua espia numa importante missão: desvendar quais as verdadeiras intenções das fadas na sua visita a Dragoburgo. Todos sabem — e a Seda sabe melhor do que ninguém — que estas habitantes da Terra dos Elfos são traíçoiras e perigosas.

Conseguirá a Seda descobrir a verdade sem precisar, também ela, de revelar os seus segredos mais profundos e sombrios?

Já leste esta história mágica?



booksmile
livros que saltam à vista
20|20 editora

9+

ISBN 978-989-707-892-7



Literatura Juvenil